



514.º SARAU

T e a t r o

Municipal

TERÇA - FEIRA,  
6 DE ABRIL DE 1943

Às 21 horas



2.º Concerto da série

“Execução integral dos Quartetos de Beethoven”

pelo exímio

## **QUARTETO HAYDN**

(do Departamento Municipal de Cultura)

1.º Violino – Anselmo Zlatopolsky

2.º » – Gino Alfonsi

Viola – Amadeu Barbi

Violoncelo – Calixto Carazza

(Instrumentos especialmente fabricados pelo “luthier” STARCHENKO)



# Programa

## I

### Quarteto op. 18, n. 3, em ré maior

Allegro  
Andante con moto  
Allegro  
Presto

## II

### Quarteto op. 127, em mi bemol maior

Maestoso - Allegro  
Adagio, ma non troppo e molto cantabile  
Scherzando vivace  
Finale - Allegro con moto (Comodo)

## III

### Quarteto op. 59, n. 1, em fá maior (Rasoumoffsky)

Allegro  
Allegretto vivace e sempre scherzando  
Adagio molto e mesto  
Allegro (Têma russo)

---



### QUARTETO OP. 18, N. 3, EM RÉ MAIOR

O Quarteto op. 18 n.º 3 foi concebido sob a influencia direta de Haydn e Mozart, apresentando grande pureza de forma. O primeiro tempo, Allegro, em ré maior, compreende dois temas, de acordo com o plano classico. O primeiro é contemplativo e o segundo submetido a um ritmo muito interessante. Segue-se o desenvolvimento, no plano tradicional, terminando o trecho com a reexposição do tema inicial, momento em que podem ser notadas valiosas particularidades de escrita. O Andante, segundo tempo, em si bemol maior, é mais amplo do que os trechos lentos de Haydn e Mozart. Expressiva melodia, iniciada no segundo violino e continuada no primeiro, dá ao trecho inconfundível carater calmo, tranquilo, muito beethoveniano. Leve contraste se estabelece com uma segunda idéia mais amena e graciosa. O sentimento recebe as cores claras e as sombrias trazidas pelas modulações apresentando ao terminar o carater inicial, de misteriosa doçura. O terceiro tempo, Allegro, é um minuete com alguma modificação na forma. É em ré maior, com a parte mediana, Trio, em menor, na qual os dois violinos fazem alternar flexíveis arabescos. O ultimo tempo, Presto, é todo exterior, alegre, como certos trechos de Haydn. É construído com dois temas, o primeiro muito animado, o segundo levemente ironico. Todo esse trecho se desenvolve numa atmosfera de continua vivacidade de andamento, na quase obsessão de um movimento que não pára senão pela extinção gradual da energia.

---

### QUARTETO OP. 127, EM MI BEMOL MAIOR

Pertence ele ao grupo dos ultimos quartetos, escritos por Beethoven nos derradeiros anos de sua vida, que representam o que de mais elevado e idealmente abstrato se escreveu na musica instrumental. O mestre não pertencia mais ao mundo exterior, vivendo isolado desde muitos anos e ouvindo apenas as vozes sublimes da inspiração.

O Quarteto op. 127 foi terminado em começos de 1825 e executado pela primeira vez por Schuppanzigh, a 6 de março daquele ano, em Viena. Mantem a forma classica em quatro partes. A “terceira maneira” do mestre mostra-se, na expressiva mas energica condução das vozes, na extrema concentração do trabalho tematico, inesperadas transformações do sentimento e impetuosas mudanças do ritmo do andamento, causando por vezes uma impressão de improvisação.

No primeiro tempo, após a introdução Majestoso, o Allegro, cujo primeiro tema, muito terno, é bem uma expressão de pureza e de esquecimento de si mesmo, após tantos anos de dor e sofrimento. O segundo nos leva a uma atmosfera de nostalgica serenidade. O segundo tempo, com a indicação inicial “Adagio, ma non troppo e molto cantabile”, consta de bellissimo tema com seis variações e coda, intimamente unidas. A variação livre alarga o tema num carater de improvisação. Atingimos aqui as alturas maximas a que pôde chegar um adagio de Beethoven graças a ampla expansão do seu canto e ao rico e suntuoso entrelaçamento das vozes. O terceiro movimento, “Scherzando vivace”, apresenta simultaneamente grande riqueza ritmica e polifonica. O Final pa. rece um canto coletivo e exultante, lembrando certos momentos da Pastoral. Os temas, de grande simplicidade melódica são conduzidos, no desenvolvimento, a um mundo de sonho e irrealdade.



## QUARTETO OP. 59, N. 1, EM FÁ MAIOR

Dos três quartetos da op. 59, o quarteto em fá maior, diz Marliave, é o que mais se aproxima do estilo antigo. Apresenta, entretanto, notável independência de forma e novidade de escrita. Beethoven, com audácia e felicidades ainda não atingidas, obtem dos instrumentos tudo o que podem dar, criando sonoridades verdadeiramente novas, chegando mesmo, quando a expressão do pensamento exige colorido mais rico, a produzir sensação análoga à provocada pelos instrumentos da orquestra.

Sem preparação, e partindo do quinto grau da escala de fá, expõe o violoncelo o primeiro tema do Allegro inicial, calmo e contemplativo, sob as notas uniformemente repetidas do acompanhamento. A linha melódica passa ao violino que, com mais calor do que o violoncelo, a conduz ao agudo de onde, sobre a sonoridade crescente do acompanhamento, dá-se a sua magnífica conclusão. O segundo tema aparece em dó maior, enunciado pelo primeiro violino. A principio suave e terno, torna-se depois ritmicamente enérgico, movimentando-se sob ele as demais partes. Toda a exposição parece, segundo Marliave, maravilhosa fantasia. Todos os instrumentos cantam as alegrias e as tristezas do poeta. Sem ser repetida a exposição, segue-se o desenvolvimento, rico em modulações de grande caráter expressivo, colorindo toda a gama dos sentimentos, da ternura ao heroísmo. A reexposição, embora obediente ao caráter essencial da forma sonata, é tratada com grande liberdade. O primeiro tema apresenta-se agora mais animado, seguido da passagem modulante e do segundo tema no tom principal, cuja amplificação nos leva ao desenvolvimento terminal. Aqui a sonoridade se amplifica até o máximo, como em apoteóse. A essa alegria de todas as vozes sucede um momento de calma, após o que termina o trecho com dois vigorosos acordes no tom principal.

O Allegretto vivace e sempre scherzando, segundo trecho, é rico de movimento e de contrastes. Aos sentimentos principais em jogo correspondem dois temas. O primeiro, nos oito primeiros compassos, consta de dois elementos, um essencialmente rítmico, de notas repetidas no violoncelo, continuado por outro, em destacado, no segundo violino. A simplicidade do primeiro elemento é tal que muitos o teriam desprezado por desprovido de significação. Mas quando se observa o partido que Beethoven soube tirar deste motivo aparentemente insignificante, compreende-se bem esta observação de Schumann: "Beethoven encontra na rua os seus motivos, mas sabe fazer deles as mais belas palavras do mundo". O segundo tema aparece em fá menor, enunciado pelo primeiro violino, com a participação dos demais instrumentos. Nele canta a alma do artista, com a melancolia da desesperança e o ardor do ritmo a que está submetido. É total o contraste com o primeiro tema, alegre, vivo, inquieto, expressão de felicidade irresistivelmente comunicativa. Dentro dessa oposição de caráter desenvolve-se todo o trecho, com fantasia e liberdade, matizado pelos tons claros e escuros da alegria e da melancolia. Este Scherzo, muito espontâneo e inspirado, é uma obra prima de invenção melódica e riqueza rítmica.

O terceiro trecho, Adagio molto e mesto, consta essencialmente de dois temas. O primeiro, apresentado pelo primeiro violino, a meia voz tem caráter doloroso e muito concentrado. O segundo aparece no violoncelo e nele se expande intenso lirismo. Nova melodia surge na parte central, muito terna e suave. A expressão deste trecho está na elevação da inspiração e intensidade da vida interior que o anima.

Sem interrupção segue-se o Final. O tema principal é uma melodia russa autêntica singularmente sugestiva, dada pelo violoncelo, da qual obtem Beethoven o máximo de movimento, alegria e vida. O segundo tema, menos característico, aparece em dó maior, no segundo violino. Na Coda intercala-se delicioso momento expressivo, com o tema russo submetido ao andamento Adagio ma non troppo, revelando então toda a sua força expressiva. O andamento inicial é logo restabelecido nos últimos brilhantes compassos.

Este final é um dos mais instrutivos e interessantes da obra de Beethoven. Pela vivacidade de caráter, pelo imprevisto e brilho das combinações, pela perfeição da fatura, iguala e talvez ultrapassa, diz Marliave, o final da Quarta Sinfonia.